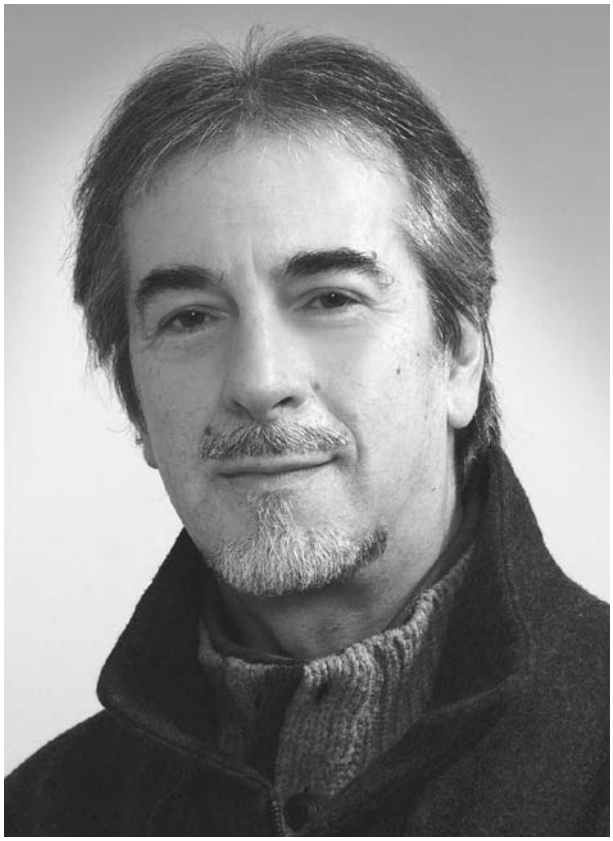

© Direitos Reservados

ÁLVARO MAGALHÃES

Sara Reis da Silva

Com 25 anos de vida literária, como assinala a colectânea *O Brincador* (2005), Álvaro Magalhães (AM) nasceu no Porto (1951), cidade onde vive actualmente. *História com Muitas Letras* é o título do seu primeiro livro para crianças, obra publicada em 1982, que, mais tarde, juntamente com *Uma Flauta chamada Ternura* (1983), intregra *O Circo das Palavras Voadoras* (2001), volume em que a palavra, aprendida na sua essência (tal como, aliás, a música), inaugura a viagem entre o real e o imaginário.

A escrita de AM constitui um universo literário diversificado e pessoalíssimo, composto por mais de três dezenas de volumes, repartidos pela poesia (para leitores infanto-juvenis e para adultos), pelo conto, pelo texto dramático e pelas narrativas juvenis – como as que integram a conhecida série de mistério e indagação *Triângulo Jota* –, um vasto espaço em que o autor regressa, com frequência, a um lugar literário dominado pela ficcionalização de temáticas próximas do registo existencialista. A vida, a morte ou a vivência do tempo – como encontramos, por exemplo, em muitos dos memoráveis poemas de *O Reino Perdido* (1986) – impregnam os seus textos, sendo nestes tratados de modo sugestivo e motivando o leitor a procurar, também ele, o encontro reflexivo com aquilo que o próprio autor designa como os «claros mistérios da existência» (Magalhães, 2002b: 213).

Também o sonho, a metamorfose, a crítica social e a descoberta individual e do mundo por parte das personagens frequentemente excepcionais pontuam, de modo original, os seus textos. Nestes, é frequente a infância surgir conotada com o espírito de descoberta, o desejo de mudança, a ânsia de superar a inadaptação – como em *Isto é que foi ser!* (1984) e *O menino chamado Menino* (1983), por exemplo –, a capacidade de alterar ou até de equilibrar o que perturba e angustia. Mesmo as inúmeras figuras animais, que vivem nos seus livros, muitas vezes, desenhadas com traços humorísticos – como em muitas narrativas de *Histórias pequenas de bichos pequenos* (1985) ou em *Contos da Mata dos Medos* (2003), por exemplo – e quase sempre antropomorfizadas, parecem dar voz à ideia de que «Os animais, tal como as crianças, estão mais próximos do ser e da sua essência» (Magalhães, 2004: 16), testemunhando uma especial cosmovisão, uma singular forma de convívio com o Outro que não é mais do que um dos caminhos mais seguros de auto e de hetero-conhecimento. As dificuldades da vivência em comunidade, a aceitação da diferença, o medo, o dilema, o enamoramento ou a felicidade/infelicidade são explorados e recriados simbolicamente através da actuação destas personagens.

É a voz de "um homem que quer sonhar", de um hábil criador de mundos outros, de um dedicado "brincador" de palavras ou de um "imaginador" de mundos que, com invulgar mestria, se compraz na escrita de livros "com todas as idades dentro".

Numa tentativa constante de compreensão, AM celebra incessantes encontros com a palavra literária, que gosta de "limpar", porque «Quase todas as palavras / precisam de ser limpas e acariciadas (…)» (Magalhães, 2000: 3). Como refere Manuel António Pina, «Na literatura de Álvaro Magalhães, a palavra nunca é um mero instrumento, uma gasta mala transportando conceitos ou significações, mas antes um ser físico e semovente que o escritor permanentemente limpa da usura quotidiana e restitui à sua milagrosa capacidade de, mais do que nomear, criar mundos e sentidos.» (Pina, 2002: 7).

Com intrigas estimulantes, que activam com facilidade os mecanismos da imaginação, e um atractivo discurso, no qual são determinantes a componente humorística, devedora, por vezes, de um tom *nonsensical* e irónico, o carácter lúdico que transparece dos inovadores jogos lexicais e fonéticos, e os imprevisíveis diálogos, a obra de AM revela uma riqueza estética, afastando-se de qualquer configuração maniqueísta e privilegiando, como Luísa Dacosta, «a liberdade, no sonho». Os seus textos testemunham um aturado exercício de revelação do(s) outro(s) lado(s) das palavras, som da vida, às quais se vai «raspando-[lhes] a sujidade dos dias / e do mau uso» (Magalhães, 2000: 3), derrogando essa cada vez mais resistente vulgaridade que parece querer dominar não só o mundo das letras, mas o mundo em geral. Nos textos de AM, materializa-se, assim, a voz de "um homem que quer sonhar", de um hábil criador de mundos outros, de um dedicado "brincador" de palavras ou de um "imaginador" de mundos que, com invulgar mestria, se compraz na escrita de livros «com todas as idades dentro.» (Magalhães, 2002a: 5).

Não surpreende, pois, que parte do seu trabalho esteja traduzido em Espanha e em França e que cinco dos seus livros para crianças (*História com Muitas Letras*, *O menino Chamado Menino*, *Isto é que foi Ser!*, *Histórias Pequenas de Bichos Pequenos* e *O Homem que não Queria Sonhar e outras Histórias*) tenham sido premiados pela Associação Portuguesa de Escritores e Ministério da Cultura, em cinco anos consecutivos, entre 1981 e 1985. Acrescente-se, ainda, que a colectânea poética *O Limpa-Palavras* integrou a Honour List do Prémio Hans Christian Andersen e, em 2002, a narrativa *Hipopóptimos – Uma História de Amor* recebeu o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens.

Referências Bibliográficas

▶ GOMES, José António (2000). «*Enquanto a cidade dorme* Peça de Álvaro Magalhães levada à cena pelo Teatro Pé de Vento» *in Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude]*, Nº 3, Julho de 2000, pp. 17-18.

▶ GOMES, José António (2002). «Álvaro Magalhães ou o "complexo de memórias do desconhecido"» *in* MESQUITA, Armindo (coord.). *Pedagogias do Imaginário. Olhares sobre a Literatura Infantil*. Porto: Asa, pp. 285-288.

▶ GOMES, José António (2006). «Bichos e bichanos, homens e rapazes: da presença de animais na literatura para a infância a *Todos os Rapazes são Gatos*, de Álvaro Magalhães», Conferência proferida no 2º Encontro Internacional A Criança, a Língua, o Imaginário e o Texto Literário, IEC-Universidade do Minho, Braga, 10 de Fevereiro de 2006 (texto inédito policopiado), 21 pp..

▶ MAGALHÃES, Álvaro (2000). *O Limpa-Palavras e Outros Poemas*. Porto: Asa (ilustrações de Danuta Wojciechowska).

▶ MAGALHÃES, Álvaro (2002a). «Prosa e Poesia» *in Boletim CRILIJ*, Nº 2, Junho de 2002, pp. 3-6.

▶ MAGALHÃES, Álvaro(2002b). «Um saco, dois casos, quatro sacos de livros» *in* MESQUITA, Armindo (coord.). *Pedagogias do Imaginário. Olhares sobre a Literatura Infantil*. Porto: Asa, pp. 211-214.

▶ MAGALHÃES, Álvaro (2004). «O Crocodilo Ramirez» *in* MARTO, Graça (org. e ilustr.). *Posso entrar? 30 estórias com animais*. Porto: Campo das Letras, pp. 13-16.

▶ MALDONADO, Manuela (2002). «*Maldita Matemática!*» (recensão) *in Boletim CRILIJ*, Nº 2, Junho de 2002, p. 32.

▶ PINA, Manuel António (2002). «Um Inventor» *in Boletim CRILIJ*, Nº 2, Junho de 2002, p. 7.

▶ SOUSA, Maria Elisa (2002). «*Hipopóptimos Uma História de Amor* – Palavras sobre a obra vencedora do Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens na modalidade Texto Literário» *in A Varinha e o Condão O Regresso do Maravilho – XV Encontro de Literatura para Crianças* (6-8 de Novembro de 2002), Nº especial. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura), pp. 15-16.

▶ SILVA, Sara Reis (2005). «*Hipopóptimos Uma História de Amor*» e «*O Limpa-Palavras e outros Poemas*» (recensões) *in Dez Réis de Gente… e de Livros. Notas sobre Literatura Infantil*. Lisboa: Caminho, pp. 154-158.

▶ VELOSO, Rui Marques (2002). «O culto da palavra e do sonho» *in Boletim CRILIJ*, Nº 2, Junho de 2002, pp. 8-9.